

“Estamos a ponto de nos tornar o primeiro povo da história a ter sido capaz de fazer suas ilusões tão vívidas, tão convincentes, tão ‘realistas’ que podemos até viver nelas”².
Daniel Boorstin

² GLABER, Neal. **Vida, o filme**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1999. p. 11.

1. INTRODUÇÃO

Em nossa pesquisa nos deparamos com dois objetos, para muitas pessoas, insociáveis. O que aqui se propõe é criar uma “nova visão” que minimize o preconceito inserido na literatura dos quadrinhos, como um conteúdo ingênuo e se possa trazer à luz “algo escondido nos quadrinhos”³. O intuito maior é apresentarmos o envolvimento entre os dois objetos e assimilarmos as suas semelhanças e características que os colocam em um discurso uno. O mote a ser apresentado englobará assuntos que moldem e estruturem os *comics*. É pertinente, ao diálogo, desenvolvermos pilares que trafeguem sobre propaganda, ideologia, meios de comunicações de massa e a importância do herói na cultura ocidental.

As interposições, que serão facultadas nesse trabalho, têm como princípio facilitar o olhar entre o amálgama entre o Homem-Aranha e o Neoliberalismo, que aqui propõe se desvendar. O super-herói colocado em voga poderia ser substituído por qualquer outro personagem das histórias em quadrinhos, ou, até mesmo, por uma grande personalidade do mundo do entretenimento. A sua escolha foi em face aos interesses pessoais somados ao grande sucesso alavancado nos últimos anos pelo “cabeça-de-teias”. E, num segundo momento, desenvolver entre todos que tomem conhecimento de tal discurso o interesse em ampliar e difundir as características que permeiam os gibis, além da visão de entretenimento e veículo de comunicação de massa que qualquer um já sabe relatar, em poucas linhas.

Baseado em saciar esses dois anseios, esse trabalho é dividido em seis partes distintas, porém, que se integram entre si. Não se deixará em momento algum de se comprovar o relacionamento vivo entre Homem-Aranha e Neoliberalismo. Abaixo, listaremos cada tópico a ser abordado, dando a sua importância para o assunto em questão. Cada tópico possui sua relevância, e poderiam ser expostos como trabalhos independentes, entretanto, para a formação deste estudo é necessário que se coloquem todos aqueles em um mesmo discurso. Assim, através da sociedade e o tempo em que se inserem os objetos da nossa atividade, temos a possibilidade de criar

“uma história problematizada [...] [que] relaciona as imagens, os símbolos, os mitos, as visões de mundo a questões sociais e políticas de maior interesse – quando trabalha os elementos do Imaginário não como um fim em si mesmos, mas como elementos para a compreensão da vida social, econômica, política, cultural e religiosa. O imaginário deve fornecer materiais para o estabelecimento de interconexões diversas”⁴.

³ McCLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo, SP: M. Books, 2005. p. 03.

⁴ BARROS, José D’Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. p. 98-99.

As apreciações relevantes, encontradas nos capítulos que se seguem, baseiam-se nos princípios mais caros ao teor neoliberal, leia-se a liberdade e o indivíduo, onde serão fontes de diálogo com todos os pontos trabalhados.

Sucintamente, será transcrito nessas páginas iniciais os assuntos de maiores destaques em todos os tópicos em debate. Começaremos por um dos mais significativos temas em abordagem, pelo Neoliberalismo. Essa discussão será montada pela origem e formação do ideário neoliberal, transcorrendo pelos pensadores e respectivas escolas econômicas, que desenvolveram e trouxeram à luz do mundo capitalista os dogmas daqueles ideais, e ressaltar com ênfase a importância do indivíduo e do conceito liberdade para o Neoliberalismo.

O segundo tema a ser confrontado envolve uma discussão que sobrevoa dois conceitos distintos, contudo, pertinentemente integrados no discurso, como, também, em sua prática. Trataremos nessa parte do trabalho sobre a conceituação e a utilização da propaganda em nome de uma ideologia, desenvolvendo, assim, uma propaganda ideológica, que no seio de toda e qualquer sociedade possui um papel ímpar. Entretanto, será frisado que a propaganda ideológica além de realizar o controle de um referido discurso, em um primeiro instante, estará interligada com o meio que a envolve, não sendo, assim, díspar do todo.

Sincronicamente esse trabalho tenta imprimir uma seqüência lógica, onde o sistema vigente é o Neoliberalismo, que elabora uma ideologia, que se utiliza da propaganda para se difundir, todavia, esse ato somente ocorre através dos meios de comunicações de massa. Fica ao terceiro esforço, o desenrolar dos conceitos que caracterizam esses meios de comunicações de massa, nos quais atribuiremos à possibilidade de uma divulgação colossal dos objetivos ideológicos ou apenas propagandistas, por aqueles transmitidos. Outro ponto integrante aos meios de comunicação de massa é o poder de dissuasão encontrado no entretenimento, que por vezes os acompanham. A sintonia entre o entretenimento e os veículos de comunicação proporciona uma grande amplitude, desse modo, aumentando o alcance e a difusão dos conteúdos divulgados. O tópico que será abordado, à frente, tentará imprimir o entrelaçamento dos pontos supracitados e sua integração para propagar o ideário neoliberal.

Um ponto que remete diretamente ao personagem em questão refere-se à importância do herói na nossa sociedade. Essa disposição do símbolo que representa um coletivo, e que nele sobressaem as características mais significantes do grupo, torna o herói um membro importante ao conjunto, porque, espera-se dele a defesa dos interesses do todo. Desse modo, o tema deverá ser explorado nesse trabalho, pois, se o herói se identifica com os seus, do mesmo modo há nele parte do meio, assim, o meio e o indivíduo tem semelhanças e se

confundem. Torna-se viável e possível desse jeito, a incorporação da figura heróica ao discurso do Neoliberalismo, já que este, como aquele, pertence ao mesmo meio cultural.

Os 02 (dois) últimos assuntos que abordaremos estão ligados entre si, trataremos sobre as histórias em quadrinhos e o Homem-Aranha. Será explorada a origem dos *comics* e todo o seu desenvolvimento e ascensão na literatura mundial. Como, também, a explosão de vendas que foi evidenciada com a mescla dos 02 (dois) pontos em questão. Esse fator dá maior importância para o diálogo aqui proposto, pois, no super-herói, também, esmiuçaremos suas características, assim, tentando estruturar um paralelo entre ele e o Neoliberalismo. Tomando que em sua essência existem pilares que pertencem à sociedade que o produziu, assim, refletindo-os para todos que tomem contato com ele,

“sobretudo, o uso dos meios de comunicação de massa, lidando com efeitos de verdade e efeitos de real, operando cada vez mais com o fazer crer, com imagens computadorizadas ou discursos distanciados do real, mas que são legitimados e aceitos, com curso de verdade, foi um elemento que pôs na ordem do dia as questões relativas ao imaginário. Mais do que em outros campos, foi possível retornar às mesmas fontes com outros olhos, formulando novas questões”⁵.

Assim, a atividade proposta nas seguintes páginas trará uma “sede” de realinharmos esses conceitos distintos, mas, entretanto, paralelos e dependentes de uma mesma origem e “pedra fundamental”, que unidos montam um objeto que representa o grupo, sendo enaltecido o indivíduo e a liberdade, fundação segura do Neoliberalismo.

⁵ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 75-76.

“neoliberalismo’ – um liberalismo político com uma crença no poder milagroso e totalitário do mercado. Alguns o chamam de ‘capitalismo democrático’ por aliar o voto econômico (mercado) com o voto político (democracia). Esse liberalismo exclui qualquer intervencionismo do Estado [...] É, em suma, o mesmo liberalismo rebatizado e radicalizado em alguns aspectos”⁶.

⁶ ULHÔA, Joel Pimentel de. **(neo)Liberalismo?: uma introdução**. Uberaba, MG: Cone Sul, 1999. p. 39.

2. NEOLIBERALISMO

O primeiro ponto a ser desenvolvido por esse trabalho será o Neoliberalismo. De uma maneira sucinta, tentaremos transcrever sua origem, algumas vertentes e escolas, e sua ascensão e consolidação no mundo capitalista ocidental. Porém, não deixaremos desde já em observar o entrelaçamento do Homem-Aranha com as bases doutrinárias do sistema em questão.

Em meados da segunda metade do século XVIII, Adam Smith traria ao conhecimento do mundo europeu a conceituação dos ideais liberais, onde, a questão mais importante, será a liberdade. E essa ele trabalhou em dois prismas, o indivíduo e o mercado. Em suas palavras temos que

“todos os monopólios são extremamente nocivos [...] assim, por exemplo, se alguém obtiver um privilégio exclusivo para fabricar e vender toda seda do reino, este alguém elevará significativamente o seu preço, já que ele será o único a produzi-la. Reduzirá, provavelmente, a uma décima parte a quantidade atualmente consumida, e elevará o preço aproximadamente nesta mesma proporção, com o que conseguirá um grande lucro com menor gasto de materiais e trabalho do que se muitos outros tivessem a mesma liberdade que ele [...] conseqüências más como estas decorrem de todo e qualquer monopólio”⁷.

Resumidamente, esse trecho transmite que sem o livre comércio, todos os indivíduos da nação estão fadados à opressão restritiva de seu direito de escolha e, também, reivindica a todos o direito a possibilidade de participação no mercado, assim, fulminando com todo e qualquer tipo de monopólio.

O que Adam Smith defendia, em seus dias, será a “pedra fundamental” para o Neoliberalismo atual. Se já nos anos finais do século XVIII aquele economista político elaborara os princípios do Neoliberalismo, por que esse recebera o prefixo “neo”, já que fora criado o Liberalismo na sociedade ocidental, no período supracitado. Tal intervenção nos remete aos anos de 1930, quando ocorre em todo mundo a maior crise do sistema capitalista, em conseqüência da “quebra” da bolsa de valores de Nova Iorque, em 1929. Pela primeira vez depois de instituído a doutrina liberal no mundo ocidental, o Estado é “forçado” a intervir na economia.

Era criado o Estado do Bem-estar Social (*welfare state*), onde o controle econômico passou a ser desempenhado pelo Estado, assim, enfraquecendo o dogma máximo do Liberalismo o *laissez-faire*, ou seja, minizando o poder da liberdade de mercado. Para conhecimento, o idealizador do *welfare state* foi o britânico John Maynard Keynes, que

⁷ FIGUEIRA, Pedro de Alcântara. **Economistas Políticos**. São Paulo: Musa Editora; Curitiba: Segesta Editora, 2001. p. 67.

defendia um Estado regulador nas atividades econômicas. Exemplo clássico dessa política econômica foi o *New Deal*, norte-americano, desenvolvido pelo presidente Roosevelt. Para alguns esse seria a origem do Neoliberalismo, sendo influenciada pela escola *keynesiana*. Todavia, nesse estudo, a corrente da qual tomaremos como neoliberal, será a vertente posterior ao Estado do Bem-estar Social que denominaremos como Neoliberalismo, onde esse “é uma radicalização das teses básicas do liberalismo quanto ao tamanho e às funções do Estado e quanto ao papel que se atribui ao mercado no controle da economia e da organização social”⁸.

Depois de quase 04 (quatro) décadas de sucesso – 1930 a 1970 – o capitalismo *keynesiano* se encontra em crise, que finda com seu domínio, onde nações como EUA e Reino Unido adotarão os motes da “nova” teoria capitalista liberal, o Neoliberalismo. Esse elaborado pelas escolas austríaca e de Chicago. Onde na primeira se destacaram os economistas políticos Friedrich Auguste Von Hayek (Fig. 01) e Ludwig Von Mises, e na segunda Milton Friedman (Fig. 02). Referente a crise instaurada, Hayek anuncia

“o fato de que este novo rumo tomado [*welfare state*] com tanta esperança e ambição nos fizesse deparar com o horror do totalitarismo representou um profundo choque para esta geração, que se recusa ainda a relacionar uma coisa à outra. Contudo, este desdobramento apenas confirma as advertências dos fundadores da filosofia liberal que ainda professamos. Fomos aos poucos abandonando aquela liberdade de ação econômica sem a qual a liberdade política e social jamais existiu no passado”⁹.

Em consonância ao discurso acima, Friedman transcreve e amplia a sua oposição ao *welfare state* e relata que

“um governo que mantenha a lei e a ordem; defina os direitos de propriedades; sirva de meio para a modificação dos direitos de propriedade e de outras regras; reforce contratos; promova a competição; forneça uma estrutura monetária; envolva-se em atividades para evitar o monopólio técnico e evite os efeitos laterais considerados como suficientemente importantes para justificar a intervenção do governo; suplemente a caridade privada e a família na proteção do irresponsável, quer se trate de um insano ou de uma criança; um tal governo teria, evidentemente, importantes funções a desempenhar. O liberal consistente não é um anarquista. Entretanto, fica também óbvio que tal governo teria funções claramente limitadas e não se envolveria numa série de atividades”¹⁰.

Assim, para os neoliberais o Estado do Bem-estar Social restringia a liberdade de mercado, através do uso excessivo de sua arbitrariedade, pela via contrária, aqueles exigiam a estruturação de um Estado mínimo e o retorno do *laissez-faire*, com suas devidas restrições.

⁸ ULHÔA, Joel Pimentel de. **(neo)Liberalismo?: uma introdução**. Uberaba, MG: Cone Sul, 1999. p. 42.

⁹ HAYEK, Friedrich Auguste Von. **O Caminho da servidão**. Rio de Janeiro, SP: Instituto Liberal, 1984. p. 40.

¹⁰ FRIEDMAN, Milton. **Capitalismo e liberdade**. São Paulo, SP: Nova Cultural, 1985. p. 39.

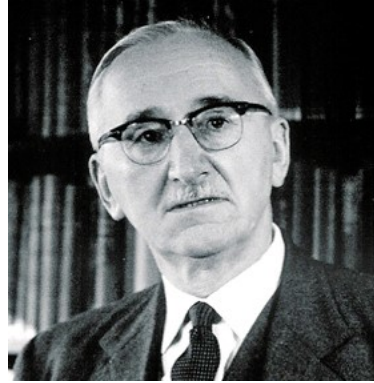


Figura 01: Friedrich Auguste Von Hayek

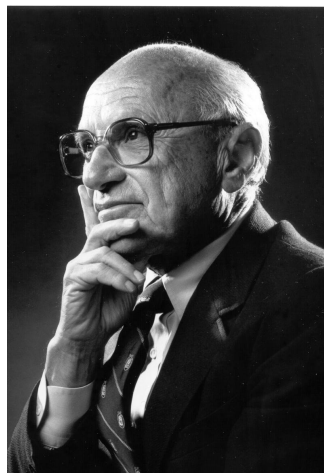


Figura 02: Milton Friedman

Os anos de 1970 serão imersos em um momento de grande crise de energia, pois, os países do Oriente Médio, por motivos políticos e religiosos contra Israel, boicotam o mundo, reduzindo aos ocidentais o acesso ao petróleo, assim, elevando drasticamente seu valor. Os mais prejudicados foram os países subdesenvolvidos que tentaram minizar seus problemas energéticos, e mesmo as grandes potências sofriam com inflações elevadas. As escolas austríaca e de Chicago culpavam tal crise ao forte controle do Estado na economia, ou seja, o *keynesianismo*, que impossibilitava a “mão invisível” do mercado regular as disparidades existentes, os resultados da crise eram bolsas de valores fracas e a lucratividade mundial com taxas em forte queda.

O Chile, com a ditadura de Pinochet, foi o primeiro país a buscar uma nova alternativa para trabalhar o caráter político-econômico da nação. A influência advinda de economistas graduados na Universidade de Chicago, os *Chicago Boys*, introduziram, em terras chilenas, princípios que começaram a minar paulatinamente o forte controle do Estado. A partir daí o “conjunto de idéias políticas e econômicas capitalistas que defende a não participação do

estado na economia”¹¹, ou seja, o Neoliberalismo, formulado pelos economistas austríacos e norte-americanos, se propagará pelo mundo, reformulando as idéias liberais de Adam Smith, por isso, o prefixo “neo”, propondo uma política econômica mundial, dando um caráter globalizante ao discurso neoliberal, assim, a economia de livre mercado não teria fronteiras, desse modo, proporcionando maiores facilidades para lidar com as dificuldades vindouras.

Não foi o Chile o grande modelo de um Estado neoliberal, mas, sim, a Grã-Bretanha, seguida pelos EUA, que darão força e amplitude ao modelo supracitado. Será no governo da Primeira Ministra britânica Margaret Thatcher que os princípios neoliberais foram introduzidos e decisivos para as mudanças político-econômicas, obtendo “grande sucesso na estabilização da libra esterlina, na dinamização da economia britânica e na redução drástica da carga tributária”¹², dava-se início ao “*thatcherismo*”, que ocasionaria o surgimento de sua vertente norte-americana o “*reagenismo*”, alusivo ao presidente dos EUA Ronald Reagan, também, difundidor da política neoliberal, que a partir dos anos 1980, avançará pelo mundo capitalista.

Os meios de comunicação de massa, também, passaram por mudanças, pois, as transformações que reformulam uma sociedade, trás para dentro de meios propagadores o mesmo ímpeto de inovações. Os gibis de maneira alguma ficaram de fora, a flexibilidade do discurso capitalista continuou a estrelar em suas páginas de ação e aventura. O Super-Homem, criação dos anos 1930, fora representante do *welfare state*, já que podemos ver no personagem a força do Estado, ilustradas nas cores de sua roupa e em sua força colossal, porém, sem perder o enaltecimento do indivíduo, mesmo tendo um Estado regulador o privado tinha sua participação, já que o capitalismo era o representante máximo da liberdade, em oposição ao discurso contemporâneo comunista.

No fim dos anos 1950, a crise do Estado do Bem-social se alastra pelo mundo, e novos super-heróis surgem e os anteriores são reformulados, consoante aos economistas austríacos e monetaristas de Chicago que propunham novos rumos ao capitalismo. As ligas de super-heróis que simbolizavam as tropas aliadas no front sofrem mudanças, no ano de 1960, surgia “a Liga da Justiça da América, que apesar de ter esse nome, tinha vários membros não-americanos: Super-Homem e Ajax (dois alienígenas), Mulher-Maravilha (da Ilha Paraíso) e mesmo Aquaman – que era do fundo mar”¹³, tal grupo, mesmo possuindo um nome ligado ao Estado, nesse caso aos EUA, encontrava-se em sua estrutura nobres guerreiros com um

¹¹ **Neoliberalismo**. Disponível em: <<http://www.suapesquisa.com>>. Acesso em 15 set. 2008.

¹² Idem.

¹³ GUEDES, Roberto. **Quando surgem os super-heróis**. Vinhedo, SP: Opera Graphica, 2004. p. 56.

interesse em comum, resguardar o poder de liberdade do indivíduo em todo o mundo. Tal discurso era identicamente encontrado nos alicerces do ideal neoliberal que propunha uma economia globalmente liberalizada.

O Homem-Aranha, que surge em agosto de 1962, será o grande ícone das mudanças que os super-heróis possuirão. O seu criador Stanley Martin Lieber (Stan Lee) traçará um super-herói mais humano, assim, deixando claro o quanto o indivíduo é importante no mundo capitalista, sendo essa questão muito cara aos propósitos do Neoliberalismo.

“Para o Homem-Aranha, a melhor parte de balançar em teias era o apogeu da trajetória. No exato instante em que terminava o arco que percorria com uma teia e daria um duplo toque num lança-teias que dispararia um novo cordão, ele voava completamente solto no ar”¹⁴.

É tão claro o discurso de liberdade, nos *comics*, que esse simples trecho o sintetiza, por completo, onde podemos substituir a expressão “solto no ar” pela palavra “livre” (Fig. 03).

Dessa forma, o Neoliberalismo e as atividades culturais somadas com os meios de comunicação de massa se entrelaçam e partilham o mesmo discurso.

“As representações construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência. São matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade”¹⁵.

Assim, o Homem-Aranha se torna representante do Neoliberalismo, pois, o seu discurso é parte integrante de um grupo que cria e reproduz a realidade que os cercam, tendo a presença incisiva do discurso neoliberal na realidade formulada pelo mundo capitalista.



Figura 03: O Homem-Aranha em um de seus vôos que lhe proporcionam liberdade.

¹⁴ DECANDIDO, Keith R. A. **Homem-Aranha: Ruas de fogo**. São Paulo, SP: Panini, 2005. p. 158.

¹⁵ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 39.

“A propaganda nem sempre se desenvolveu da mesma maneira, mas variou conforme o momento histórico em que foi realizada. Em cada época, o modo de produção econômico vigente, o estágio [sic] em que se encontram as forças produtivas, a posição e a capacidade das classes sociais em conflito é que determinam a forma, o conteúdo e o grau de intensidade das campanhas”¹⁶.

¹⁶ GARCIA, Nélon Jahr. **O que é propaganda ideológica?** São Paulo, SP: Abril Cultural: Brasiliense, 1985. p. 18.

3. PROGANDA E IDEOLOGIA

Neste capítulo o ponto que confrontaremos ao tema será a propaganda ideológica, a qual pode está inclusa ao entretenimento de uma sociedade, mas, não sendo necessariamente fundamental. Talvez, o mais correto fosse “os primeiros pontos”, pois, trataremos de 02 (dois) conceitos distintos, a propaganda e a ideologia, que reunidos ganham maior projeção. De maneira sucinta desenvolveremos a aplicação da propaganda e da sua utilização pela ideologia, com a propagação das suas teorias e os efeitos que a mistura desses conceitos significam. Não se esquecendo de pôr em jogo o pensar sobre a ideologia e sua presença no tema vigente.

A ideologia é um conjunto de representações, que possuem determinados valores e que são regidos por algumas normas, faz parte do imaginário de um grupo, ou sociedade, que a tem como diretriz e fundamento. Sua propagação pode ou não ser de maneira violenta, essa ocorrendo quando há o choque entre duas ideologias, por exemplo, a ideologia capitalista e a comunista, que por vários anos ocorreu durante a Guerra Fria. Contudo, ao nosso estudo, temos como guia uma ideologia que já não precisa ser conflitante, entretanto, se utiliza de meios de comunicação de massa para sua perpetuação. A difusão dos alicerces ideológicos através do discurso muitas vezes passa despercebida, porque a sociedade que absorve aquele já compactua com tais ideais e conceitos, tidos como verdadeiros e justos. Quando nos defrontamos com uma figura, às vezes estranha ou inocente, como é o caso do Homem-Aranha, não observamos o poder ideológico nele inserido. Em uma sociedade neoliberal, o discurso empreendido nos quadrinhos do “aracnídeo” não nos trás distanciamento ou repúdio. Tal fato ocorre porque seu diálogo é baseado no que pensamos e entendemos como “mundo perfeito”, ou seja, o mundo capitalista, com o discurso neoliberal, que tem como vedete a liberdade.

A ideologia que temos presente em nosso objeto de estudo é a neoliberal, que se utiliza dos gibis para a difusão de seus conceitos. Dizermos que apenas são os quadrinhos propagadores dos ideais liberais seria muita ingenuidade de nossa parte, muito maior seria afirmar que não ocorre nenhuma mensagem além do entretenimento. Todos os meios de comunicação de massa são utilizados para esse fim. A liberdade dá ao indivíduo o poder de fazer o que bem lhe agrada, sem influência do Estado, sendo o ponto máximo do discurso ideológico neoliberal. Assim, estudaremos “essencialmente as imagens produzidas por uma sociedade, mas não apenas as imagens visuais, como também as imagens verbais e, em última

instância, as imagens mentais”¹⁷. Pois, nesses parâmetros observamos os traços ideológicos presentes em qualquer discurso apresentado.

Talvez de maneira muito simples, ou até resumida, balizaremos o fundamento da propaganda. Podemos notar que um dos propósitos da ideologia é a sua difusão e que os meios de comunicação de massa são fundamentais. Contudo, do que vale o meio de comunicação se não for bem utilizado. Então, cabe a propaganda realizar esse papel. No entanto, não podemos nos equivocar com conceitos, pois, quando falamos de propaganda, não queremos tratar de publicidade. Faz-se necessário um breve comentário sobre as divergências entre ambas. A propaganda e a publicidade são compostas por um tripé de sustentação. A publicidade possui em seu produto final: capacidade informativa, força persuasiva e caráter comercial. Já a propaganda se assenta sobre a capacidade informativa, força persuasiva e o caráter ideológico. Então, o caráter que cada uma defende é o que as faz uma diferente da outra.

Não podemos ser insensatos ao ponto de dizer que na representação do Homem-Aranha não há publicidade, ou ao extremo, que nela não existe um caráter ideológico em sua mensagem. Podemos trabalhar com ambos os vieses, onde “a publicidade [...] é paga com a finalidade de fornecer informações, desenvolver atitudes e provocar ações benéficas para o anunciante, geralmente para vender seus produtos e serviços”¹⁸, ou seja, para a divulgação do Homem-Aranha é lógico que ocorra o investimento maciço em publicidade e com atuação em todas as classes sociais, faixas etárias e sexuais, para a obtenção dos maiores lucros possíveis. Isso é claro com o recorde de bilheterias alcançado pelo terceiro filme estrelado pelo “cabeça de teias”, em 2007.

Por outro lado, a propaganda é “como uma simples difusão de idéias e doutrinas [...] baseia-se nos símbolos para chegar a seu fim: a manipulação das atitudes coletivas. Assim, o uso de representações para produzir reações coletivas pressupõe uma ação de publicidade”¹⁹. E, assim, encontramos aquela nas histórias em quadrinhos do Homem-Aranha. Por exemplo, no trecho: “Agora ele [Homem-Aranha] simplesmente se divertia com a liberdade de movimento”²⁰, descreve o super-herói em um de seus “passeios”, porém, notamos que quando o indivíduo é exaltado e lhe é dada autonomia e seu movimento contem prazer, ou seja, o

¹⁷ BARROS, José D’Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. p. 91.

¹⁸ **Publicidade e Propaganda**. Disponível em: <<http://www.sinprop.org.br>>. Acesso em 08 ago. 2008.

¹⁹ Idem.

²⁰ DECANDIDO, Keith R. A. **Homem-Aranha: Ruas de fogo**. São Paulo, SP: Panini, 2005. p. 62.

neoliberalismo em “uma sociedade capitalista de mercado livre preserva a liberdade”²¹, pois, garante ao indivíduo o direito de ser livre.

A propaganda torna-se imprescindível para a difusão de uma ideologia. Assim, a propaganda ideológica tem como meta “formar a maior parte das idéias e convicções dos indivíduos e, com isso, orientar todo o seu comportamento social”²². Os meios de comunicação de massa são ferramentas utilizadas pela ideologia vigente para a manutenção permanente dos seus ideais e sua perpetuação, desse modo, impedindo que o “trem saia dos trilhos” e siga sua viagem tranqüilamente. Essa ação não é inovadora, em toda história reis e líderes de Estado se valeram da propaganda para a dominação de uma sociedade. Como um exército se utiliza das operações psicológicas que se pautam nesse princípio, ou seja, menosprezar o adversário e enaltecer os ideais por ele defendidos. Não é nada absurdo, então, falarmos que estamos no meio de um conflito ideológico. Durante a 2ª Guerra Mundial, o nazismo, na figura de Adolf Hitler, utilizou-se de uma forte propaganda ideológica para levar os alemães ao campo de batalha. Em tempo de paz o mesmo ocorre, os filmes de Sylvester Stallone, em sua série Rocky, são exemplos que mostravam a rivalidade entre capitalismo e comunismo, sendo o primeiro a solução para a humanidade, para a visão neoliberal. O quarto filme da série (Rocky IV – 1985) é o mais pragmático no que anunciamos, tendo até a declaração do “então presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan disse que ‘Rocky é a melhor propaganda da Guerra’”²³. São apenas demonstrações que confirmam a utilização dos meios de comunicação de massa para os fins de difusão de uma ideologia.

A frase mais divulgada do Homem-Aranha, e que é tida como um provérbio dos gibis, pronunciada pelo seu tio Ben Parker, trás um pouco do que aqui expusemos, “da autoria de Stan Lee, [...] ‘com grandes poderes, vêm as grandes responsabilidades’”²⁴, pois, indica “clara [...] alegoria dos superpoderes efetivamente funciona. Uma carteira cheia é ou não um superpoder?”²⁵. Ainda, cabe a associação com o seguinte trecho:

“Vista como um meio de obtenção da liberdade política, a organização econômica é importante devido ao seu efeito na concentração ou dispersão de poder. O tipo de organização econômica que promove diretamente a liberdade econômica, isto é, o capitalismo competitivo, também promove a liberdade política porque separa o poder econômico do poder político e, desse modo, permite que um controle o outro”²⁶.

²¹ FRIEDMAN, Milton. **Capitalismo e liberdade**. São Paulo, SP: Nova Cultural, 1985. p. 26.

²² GARCIA, Néelson Jahr. **O que é propaganda ideológica?** São Paulo, SP: Abril Cultural: Brasiliense, 1985. p. 10.

²³ **Rocky – Uma Série de Sucesso**. Curiosidades – Rocky IV. Disponível em: <<http://www.cinemacomrapadura.com.br>>. Acesso em 08 ago. 2008.

²⁴ PATATI, Carlos; BRAGA, Flávio. **Almanaque dos quadrinhos: 100 anos de uma mídia popular**. Rio de Janeiro, RJ: Ediouro, 2006. p. 152.

²⁵ Idem. p. 153.

²⁶ FRIEDMAN, Milton. **Capitalismo e liberdade**. São Paulo, SP: Nova Cultural, 1985. p. 18.

Assim, fica mais elucidativo o discurso neoliberal nas “tiras” do Homem-Aranha (Fig. 04), onde a liberdade econômica condiciona um poder sem igual, no qual o maior privilegiado é o próprio indivíduo, baseando-se na teoria neoliberal. Por mais uma vez, demonstra-se que a propaganda ideológica está presente nos meios de comunicação de massa, e que através desses podemos utilizar uma figura que em um primeiro instante é tida como ingênua, e transformá-la em um grande propagador de uma ideologia.



Figura 04: A essência do Neoliberalismo, o indivíduo no centro e um Estado presente, porém, mínimo.

“Todos os dias, o veículo vida gera novos episódios. Todos os dias alguém descobre aplicações mais criativas para seu uso”²⁷.

²⁷ GLABER, Neal. **Vida, o filme**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1999. p. 17.

4. COMUNICAÇÃO E ENTRETENIMENTO

Foi visto a importância da propaganda ideológica para a difusão dos conceitos referentes a uma determinada teoria, que possui seus dogmas e busca por adeptos. O desenvolvimento a ser aplicado nesse momento é atrelar mais 02 (duas) idéias importantes para o esforço intelectual proposto nesse trabalho. Cabe explorar com maior detalhamento sobre o mérito dos meios de comunicação de massa na função de propagador e suas definições, como de maneira idêntica ao que se refere o entretenimento. Todavia, faz-se necessário a coligação entre meios de comunicação de massa e o entretenimento, pois, fica mais simples e compreensivo de associarmos esses 02 (dois) conceitos ao Homem-Aranha e o Neoliberalismo.

Primeiramente o tópico será breve, mas, construtivo, na elaboração do que venha a ser um meio de comunicação de massa. Pode-se afirmar que esse produza na cultura vigente um “sistema ou universo complexo e interativo que abrange a produção e circulação de imagens visuais, mentais e verbais, incorporando sistemas simbólicos diversificados e atuando na construção de representações diversas”²⁸. Porém, essa força expressiva presente nos meios de comunicação de massa somente foi possível com a chegada da tecnologia que trouxe à tona a “Indústria Cultural”.

A velocidade de transmissão dos meios de comunicação de massa, marcada pela industrialização e o desenvolvimento tecnológico, resulta por vezes em produtos que são absorvidos, consumidos, por milhões de indivíduos sem nenhum julgamento. A sociedade neoliberal tem em seus alicerces no progresso científico para a concretização da modernidade. A televisão, a internet, o rádio, os jornais e as revistas, das quais fazem parte as histórias em quadrinhos, são produtos de um aperfeiçoamento tecnológico que proporciona a propagação de uma mesma idéia para milhões de pessoas ao mesmo tempo. Os “frankfurtianos criaram o conceito de ‘Indústria Cultural’”²⁹ que demonstra uma sociedade no viés sócio-cultural e produtivo. Assim, “não podemos separar a Comunicação de Massa da ‘Indústria Cultural’”³⁰, pois, ambas possuem a mesma origem, ou seja, a industrialização ou o capitalismo, desse modo, estão entrelaçadas.

²⁸ BARROS, José D’Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. p. 93.

²⁹ **Comunicação de Massa**. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org>>. Acesso em 20 ago. 2008.

³⁰ Idem.

Não importa qual veículo de massa utilizado, ele sempre terá em sua estrutura “um tipo de literatura que trabalha com o discurso romanesco, ou seja, com a direção da imaginação literária voltada para o aventureiro”³¹. Tal fato é muito simples de ser notado nos *comics* do Homem-Aranha, porém, esse fato ocorre mais do que se imagina. Podemos trazer da memória qualquer reportagem sobre a vitória de um time de futebol, o texto produzido faz ambos torcedores, simpatizantes e adversários, notarem que os atletas vitoriosos foram grandes guerreiros que lutaram com garra e determinação até o final, sendo dignos do resultado alcançado. O mesmo quando se reflete sobre economias ou políticas que não possuem o resultado satisfatório, a reportagem delinea os caminhos a serem tomados e cria um ambiente de expectativa.

Toda essa atmosfera criada pelos meios de comunicação de massa é compreensiva, pois, estamos submersos em uma sociedade neoliberal, que de igual modo vislumbra que a “liberdade e [o] desenvolvimento do homem, [aconteça] através do surgimento da industrialização e da tecnologia”³², desse modo, faz com que a humanidade alcance “o princípio do direito à felicidade individual, com efeito, é a chave mais importante para a compreensão do discurso da modernidade”³³. Assim, com os veículos de comunicação, os quais são frutos da modernidade, pois, estão envoltos em tecnologia e cientificidade, é fácil a disseminação das teorias neoliberais. Todavia, para se ter um fator mais instigante o neoliberalismo não se apropria apenas dos meios de comunicação de massa, mas, utiliza-se do entretenimento para a maior difusão da ideologia a ser propagada.

A sociedade moderna que proporciona um cotidiano desgastante, faz com que o indivíduo zele pelo seu momento de lazer, porém, em muitos casos, esses intervalos de diversão são tomados por mensagens e dogmas neoliberais e nem percebemos. O entretenimento busca a fuga da rotina e das obrigações que a sociedade impõe ao indivíduo. Muitos dessas fugas são direcionadas para horas em frente ao televisor, do rádio, no cinema ou em leituras, que como já visto são meios de comunicação de massa. No pouco tempo que resta para descanso do homem, em seu dia, ele recebe uma enxurrada de informações que nem são muitas vezes analisadas, apenas aceitas. E que em seu conteúdo trazem peculiaridades do cotidiano, conceitos neoliberais e um sentido nostálgico de algo que não se viveu, mas, que é possibilitado pelo fictício que se torna real para o receptor.

³¹ CALDAS, Waldenyr. *Cultura de massas*. São Paulo, SP: Global, 1986. p. 16.

³² Idem. p. 38.

³³ ULHÔA, Joel Pimentel de. *(neo)Liberalismo?: uma introdução*. Uberaba, MG: Cone Sul, 1999. p. 55.

É no entretenimento que notamos a quebra da definição de comunicação, ou seja, existe um emissor e um receptor, mas, não há diálogo. Apenas um se comunica, cabe ao outro receber, contudo, existe a possibilidade negação por parte do que recebe a mensagem, seja desligando o aparelho de comunicações ou deixando sobre a mesa o artigo literário. Entretanto, o entretenimento depõe o “racional e entroniza o sensacional”³⁴. O encantamento leva o indivíduo presenciar e compartilhar a informação proposta, o que se difere é o meio pelo qual é feita a transmissão, já que

“a diversão, tal como a entende a cultura de massa, trata de consiliar [*sic*] o trabalho com o ócio, o cotidiano com o imaginário, o social com o extra-social, o corpo com a alma, a produção com o consumo, a cidade com o campo, esquecendo as contradições que subsistem dentro dos primeiros termos. Cada um destes antagonismos [...] fica absorvido no mundo do entretenimento sempre que passe antes pela purificação da fantasia”³⁵.

Essa aglutinação entre o lazer e a comunicação fortalece o desenvolvimento e o avanço da propaganda ideológica. Ao Neoliberalismo o seu espalhamento ganha adeptos e se solidifica em nossas mentes, sendo notório quando uma idéia conflitante ao Neoliberalismo é solta ao ar, pois, aquela é repudiada, já que estamos inseridos naquele, ou se absorvemos o discurso conflitante e ao refletirmos cria-se uma nova visão ideológica. Essa mesma disputa entre ideologias ocorria no “mundo comunista” onde os seus partidários, que dominavam os meios de comunicação, contagiavam seus domínios com discursos, canções e imagens que exaltavam sobremaneira a sua visão ideológica.

Na obra *Ruas de Fogo*, onde o Homem-Aranha consola a mãe de seu aluno internado em um hospital, por utilizar entorpecentes, observamos a seguinte passagem: “Parker [o Homem-Aranha] pôs uma mão no ombro de Eileen [a mãe], que a achou muito mais confortante que a do policial”³⁶, notamos a figura do herói, ou seja, o privado, que não possui vínculo com o Estado, é retratado mais atraente que aquele. O apoio ao ato praticado pelo Homem-Aranha é consoante ao ideal neoliberal, que pode ser muito bem transcrito na seguinte referência:

“Tanto no modelo simples, quanto na economia mais complexa com empresas e uso de dinheiro, a cooperação é estritamente individual e voluntária, *desde que*: a) as empresas sejam privadas, de modo que as partes contratantes sejam sempre, em última análise, indivíduos; b) os indivíduos sejam, efetivamente, livres para participar ou não de trocas específicas, de modo que todas as transações possam ser realmente voluntárias [Fig. 05]”³⁷.

³⁴ GLABER, Neal. **Vida, o filme**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1999. p. 28.

³⁵ DORFMAN, Ariel; MATTELART, Armand. **Para ler o Pato Donald: comunicação de massa e colonialismo**. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1980. p. 97.

³⁶ DECANDIDO, Keith R. A. **Homem-Aranha: Ruas de fogo**. São Paulo, SP: Panini, 2005. p. 41.

³⁷ FRIEDMAN, Milton. **Capitalismo e liberdade**. São Paulo, SP: Nova Cultural, 1985. p. 22.



Figura 05: Há a interação voluntária entre os indivíduos, com propósitos distintos, contudo, em nome de um ideal, nesse caso, o neoliberal.

Dentro desse entendimento notamos a difusão de um conceito através de linhas mais simples, mas, que transmitem uma base neoliberal. E o mais importante, caso ainda não identificado, o veículo de comunicação utilizado é um meio de comunicação de massa que se utiliza do entretenimento para ser vendido. Desse modo, por mínimo que seja o conteúdo, é significativo e presente o pensamento econômico nas atividades culturais a qual ele pertence. Do mesmo modo, os meios de comunicação de massa se apropriam daquele pensamento e efetuam sua propagação. Não o observamos com maior clareza, pois, ele já nos pertence e faz sentido, do contrário, iríamos verificá-lo no primeiro contato pela “estranheza” e divergência com o que somos acostumados.

“Você apresenta um monstro no primeiro rolo e depois põe o herói para vencê-lo, no último”³⁸.

³⁸ GLABER, Neal. **Vida, o filme**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1999. p. 16.

5. SUPER-HERÓI

É muito pertinente para esse trabalho a discussão referente a importância do herói, não apenas nas histórias em quadrinhos, como, também, para a sociedade ocidental e, principalmente, para a ideologia neoliberal. Como em todo esse desenvolvimento, não nos cabe fazer grandes divagações, mas, sim, um “sobrevôo” pelo entendimento apurado no tocante a figura do herói, ou mesmo, do super-herói.

Como veremos no desenvolver dessa atividade, no próximo capítulo, os super-heróis foram de grande valia para alavancar de vez os *comics*, transformando-os em um dos meios de comunicação de massa mais significativos da nossa sociedade, principalmente, entre os jovens. Mas, para que tal sucesso nos alcançasse, não entendemos que do nada veio surgir um “reinado com muito suor, lápis e imaginação”³⁹, todavia, ocorre uma representação pitoresca de nossa sociedade ocidental dentro dessas páginas cheias de ação e aventura.

A aparição de um discurso que se desenvolve em torno de um ser que realiza atos que sobressaem à capacidade humana, não foi relatada pela primeira vez nas histórias em quadrinhos, mas, já é integrante nas sociedades ocidentais desde tempos remotos, de forma que não podemos nem afirmar quando foi seu surgimento. Pode-se salientar que basicamente os primeiros passos dados nesse trajeto tinham forte influência religiosa, dando um caráter mitológico e místico aos seres com características humanas, todavia, dotados de poderes sobre-humanos. Como já exposto, esses poderes advindos de deuses ou inspirados neles, perfazem a construção do imaginário de uma sociedade, onde podemos notar que os gibis seguem o mesmo parâmetro, ou seja,

“se nos anos de ouro dos quadrinhos muitos personagens tinham suas histórias calcadas no místico e no mitológico, no final da década de 50, com a corrida espacial e a iminência de uma guerra nuclear entre a União Soviética e os Estados Unidos, parecia mais apropriado que os super-heróis fossem produtos legítimos da ciência”⁴⁰.

Assim, em outrora os textos estavam imersos em confrontos colossais e repletos de ilustrações que pertenciam ao imaginário da sociedade vigente, o mesmo ocorria no fim dos anos 50, do século passado. E do mesmo modo, ainda, ocorrem, pois,

“essa sintonia entre quadrinhos e história não é acidental. Como toda produção cultural, os quadrinhos estão permeados pelo ar do seu tempo. Nove entre dez personagens do passado eram resultado de alguma mutação nuclear. Sinal de uma época em que Estados Unidos e União Soviética investiam pesado na corrida armamentista. No filme *Homem-Aranha*, Peter Parker é picado por uma aranha

³⁹ GUEDES, Roberto. *Quando surgem os super-heróis*. Vinhedo, SP: Opera Graphica, 2004. p. 10.

⁴⁰ Idem. p. 54.

geneticamente modificada. O original de Stan Lee contava outra história: a aranha havia sido exposta a radiações”⁴¹.

O encantamento, que circunda o herói, faz com que aqueles que são desprovidos de dons sobrenaturais fiquem em uma posição de admiração e passem a identificar no herói atributos que transformariam sua sociedade, mesmo sendo esses conceitos característicos do meio, entretanto, não palpáveis. Ao super-herói, dessa forma, cabe utilizar todo seu poder contra as forças opositoras, destarte, desencadeando o movimento sincronizado do todo.

O super-herói nada mais é que um símbolo, que “quando sua fama atinge um certo ápice, torna-se um totem, um objeto de poderes mágicos que não precisa agir para conquistar seus objetivos”⁴², ele se materializa em um conceito basilar, ou seja, em atributos que constituem a sociedade representada. Desse modo, a proliferação desses “dogmas”, constitui-se de certa forma na divulgação de uma ideologia. Nota-se que a beleza incrustada no ser heróico o perpassa, e “a partir de um registro verbal, aparentemente tão desprezencioso [sic]”⁴³, encaminha-se para a montagem de um imaginário coletivo.

Através dos *comics*, os quais figuram nos meios de comunicação de massa, “a fama de alguns heróis são manufaturadas ou ampliadas”⁴⁴, pode-se observar que o exposto acima não se contradiz com o real, ou seja, as páginas dos gibis remontam um herói que simboliza a comunidade que o criou, com traços ideológicos, ou mesmo imerso a fundo na ideologia propagada, entretanto, sem perder o seu embelezamento.

Não diferente ao exposto, o Homem-Aranha representa, claramente, a personificação daqueles atributos, pois, ele é um símbolo e se torna preciso a obtenção do belo ao seu redor (Fig. 06). Esse embelezamento não é apenas imposto, como, também, dado ênfase a sua presença. Para uma maior identificação ao que já foi relatado, tomemos, como exemplo, a cena do primeiro longa-metragem do Homem-Aranha, em 2002, onde Peter Parker (identidade secreta do Homem-Aranha) se coloca frente ao espelho e se admira pelos novos músculos conquistados, após ser picado por uma aranha geneticamente modificada, que lhe conferiu super-poderes, pois, anteriormente era um jovem muito franzino. Nessa citação fica clara a demonstração do encantamento presente na personagem heróica, convivendo paralelo ao poder emanado por ela mesma.

⁴¹ SARMATZ, Leandro. Um herói (quase) como a gente. **Super Interessante**, edição 177, p. 39, jun. 2002.

⁴² HUGHES-HALLETT, Lucy. **Heróis**. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2007. p. 23.

⁴³ BARROS, José D’Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. p. 103.

⁴⁴ HUGHES-HALLETT, Lucy. **Heróis**. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2007. p. 22.



Figura 06: Em meio a uma paisagem de desolação temos o herói, que personifica o belo e é a única solução para aquela.

Consoante aos pontos já demarcados, onde se referenda a representatividade e a significância do herói, torna-se mais palpável o convívio do ideal neoliberal com a tradição heróica, já que “os heróis são moldados pelo passado, eles, por sua vez moldam o futuro”⁴⁵. Aqui cabem em importância os meios de comunicação de massa que possibilitam propagar as bases daquele ideal, destarte, fortalecendo-o. Além da propagação, observa-se, ainda, outra qualidade do herói apropriada pela ideologia vigente, que se faça saber, a imortalidade, pois,

“heróis podem significar desafios ou consolo, podem oferecer a euforia da vitória ou o prazer infantilizante de ser cuidado por um protetor super-humano. Podem constituir modelos de coragem e integridade, ou podem representar sedutores exemplos [...] porém uma coisa é constante: todos eles oferecem maneiras de se pensar sobre a morte”⁴⁶.

Assim, o maior anseio de qualquer ideário é a sua perpetuação ao longo dos tempos.

Esse é um fator mais que relevante para associarmos os conceitos herói e neoliberalismo, a imortalidade, que se coloca em destaque. Nessa transcrição, todavia, ela em si não guarda significância, pois, como exemplo, cito que um grande assassino, mesmo após sua morte, permanece nos anais da história. Verifica-se que o item mais sólido que podemos sintetizar da essência heróica é a exaltação de sua individualidade mesclada a sua possibilidade de ação nata, ou seja, a figura do próprio super-herói que o torna símbolo e o sobrepõe acima dos poderes autoritários, mediante sua liberdade de escolha, que se relaciona

⁴⁵ HUGHES-HALLETT, Lucy. **Heróis**. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2007. p. 19.

⁴⁶ Idem. p. 24.

ao “liberalismo [que] é a doutrina na qual o conotação positiva cabe ao termo ‘liberdade’ e restrita a do poder”⁴⁷.

O indivíduo e a liberdade são os pilares personificados no herói, e são eles ratificados pelo pensamento neoliberal. Na mitologia grega, Aquiles, o herói grego, colocou-se em oposição ao regime de Agamenon, líder de seu povo. Elisabeth, a Rainha “Virgem”, representante de uma sociedade “menos” conservadora e mais próxima do pensamento laico, entra em confronto com a Espanha, do Rei Felipe II, essa propagadora do rígido absolutismo e envolta a uma esfera mística. São exemplos de heróis (ou heroínas) de seus tempos, nos quais observamos a liberdade de seus atos e o enaltecimento do indivíduo, através de sua liderança e admiração, que por fim os imortalizam por toda a história.

O Homem-Aranha, um herói de nossos tempos, não se distancia do nosso cotidiano, ao contrário, ele é absorvido ou absorve, como queira, nossa sociedade neoliberal, sofrendo todas as flexibilidades necessárias para o convívio de ambos em harmonia. A apropriação do símbolo, o qual o super-herói representa, pelo discurso ideológico, faz-lo ser disseminado pelos meios de comunicação de massa, e é o que possibilita a perpetuação tanto da entidade que emana poder quanto dos ideais que os envolve. Destarte, explica-se, a presença do real na construção daquele posto como objeto de entretenimento. Como em nosso objeto, o Homem-Aranha, um herói fruto do entretenimento, todavia, ele se revela imerso dentro da sociedade que o produz, do mesmo modo, reproduzindo-a em suas páginas tomadas por ação e aventura. Pois, vislumbramos que o herói é o símbolo máximo da sociedade que ele se insere e, desse modo, concluímos a sua utilização como propagador de uma ideologia, facilitada por um grande meio de comunicação de massa, em nosso caso, o gibi. A utilização do Homem-Aranha pelo ideal neoliberal é tida como normal, pois, ambos se entrelaçam.

⁴⁷ BOBBIO, Noberto. **Liberalismo e Democracia**. São Paulo, SP: Brasiliense, 2005. p. 89.

“Em quadrinhos, as palavras e imagens são como parceiros de dança e cada um assume sua vez conduzindo [...] quando cada parceiro **conhece** seu papel e se **apóiam** mutuamente... os quadrinhos podem se equiparar a **qualquer** uma das formas de arte da qual extrai seu potencial. Quando as **figuras** carregam o peso da clareza numa cena, liberam as palavras pra [sic] explorar uma área mais ampla”⁴⁸.

⁴⁸ McCLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo, SP: M. Books, 2005. p. 156-157.

6. HISTÓRIA EM QUADRINHOS

O propósito deste capítulo é iniciarmos uma discussão mais próxima com o objeto em estudo, representativo do mundo neoliberal, ou seja, o Homem-Aranha. Trataremos nesse momento sobre a origem das histórias em quadrinhos, pautando as figuras que antecederam o super-herói supracitado e, principalmente, a importância dos homens com poderes sobre-humanos para as páginas dos quadrinhos, assim, como já visto, no texto anterior, envoltos em uma esfera que produz encantamento ao indivíduo ocidental, como um todo.

O dia 14 de setembro de 1842 foi um marco para o início do gibi, em caráter mundial, “com a publicação do suplemento *The Adventures of Mr. Obadiah Oldbuck*”⁴⁹. Esse suplemento era oriundo de várias tiras de jornais que circulavam na época, nos EUA. Porém, em 05 de maio de 1895, as tiras de jornais ganham sua estréia colorida, com o *The Yellow Kid* (O Menino Amarelo, na versão em português), que em contradição ao suplemento acima citado, era original de uma revista. A partir de O Menino Amarelo as tiras se tornam um verdadeiro sucesso e ampliam as vendas dos jornais.

Até meados da década dos anos 1930, os *comics*, que ganharam essa denominação, pois, “em geral, as tiras eram de humor”⁵⁰, serão constituídos de reprises das publicações feitas nos jornais. “Os *pulps magazines* (revistas de contos, baratas e bem populares até meados dos anos 1940)”⁵¹, juntamente, com os gibis, faziam muito sucesso e eram inspiração para os autores das histórias em quadrinhos. Entretanto, a continuidade do processo de reprodução das publicações das tiras de jornais, não era suficiente para manter os gibis em destaque.

Como numa forma de socorro vindo do “Olimpo”, em meados dos anos 1930, inicia-se *pulps magazines* que focam a ficção científica e o misticismo, onde podemos citar Flash Gordon e Mandrake que exploram aqueles ideais, respectivamente, para solucionar as dificuldades de seus “mundos”. O primeiro herói mascarado surge nas tiras de jornais, O Fantasma. Enquanto, na literatura citada, os personagens são facilitadores para que seu cotidiano se torne melhor, o mundo ocidental passa por uma grande depressão, pois, recentemente acabará de ocorrer a crise de 1929, ou seja, “a quebra” da bolsa de valores de Nova Iorque.

⁴⁹ GUEDES, Roberto. **Quando surgem os super-heróis**. Vinhedo, SP: Opera Graphica, 2004. p. 10.

⁵⁰ Idem. p. 11

⁵¹ Ibidem, idem.

O cinema e jazz americano nesse período se encontram no auge, e suas temáticas, também, são vistas com bons olhos, pois, transmitem mensagens que remontam a esperança em um mundo melhor, e que o pior irá passar. Essa indústria popular vai direcionar sua força para sua maior novidade, que se baseia na “descoberta que os devaneios ou as lembranças sentimentais [...] são o bem isolado mais vendável”⁵². Diferente da realidade conturbada, presente nos anos 1930, os meios de comunicação de massa, como os exemplos acima, cinema, música e os contos, apresentam uma nova perspectiva de realidade, ou seja, uma forma de trazer soluções aos seus problemas ou ao menos amenizar o estresse do dia-a-dia.

Em 1938, as histórias em quadrinhos dão um passo enorme para se consolidar como um meio de comunicação de massa importante, com toda força e prestígio. Naquele ano, foi criado pelos jovens judeus Jerry Siegel e Joe Shuster, nos EUA, o super-herói que revolucionou as páginas dos *comics*, o Super-Man (Super-Homem, na versão em português). Esse personagem trouxe em sua essência atributos nunca antes relatados nas obras literárias dos gibis. Seus poderes e sua invencibilidade, por chamar tanto a atenção, fizeram-no proliferar por todos os meios de comunicação de massa. O encantamento encontrado no Super-Homem e que tanto atraiu as multidões foi graças à possibilidade de se vislumbrar nele os traços de um verdadeiro herói. O indivíduo comum o apreciava por ter encontrado nele, como nas entidades místicas,

“dons excepcionais [...] e por isso capazes de realizar feitos da maior relevância – a derrota de um inimigo, a salvação de um povo, a preservação de um sistema político, a conclusão de uma importante viagem – feitos esses que nenhuma outra pessoa teria sido capaz de realizar”⁵³.

O Super-Homem será o primeiro, dos inúmeros heróis dos quadrinhos, produto de uma sociedade. Baseado em um “imaginário que comporta crenças, mitos, ideologias, conceitos, valores”⁵⁴, dessa forma, através do meio de comunicação de massa, no qual o gibi se enquadra, o herói em questão através do imaginário que o rodeia reproduzia os ideais de sua sociedade, pois, o imaginário “é um saber-fazer que organiza o mundo, produzindo a coesão ou o conflito”⁵⁵.

A partir de 1938, com o surgimento do Super-Homem, a linguagem ideológica presente na sociedade vigente estava clara nas páginas dos *comics*. Os EUA sofriam uma grande crise, as suas esperanças pareciam ínfimas, e por tal razão, nada mais seguro apostar em um herói para colocar a “locomotiva nos trilhos”. Mesmo com esse discurso conservador, referente aos heróis, que guardam em sua essência um caráter messiânico, o capitalismo

⁵² HOBBSAWN, Eric J. *História social do jazz*. Tradução portuguesa, 2ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. p. 182.

⁵³ HUGHES-HALLETT, Lucy. *Heróis*. Rio de Janeiro: Record, 2007. p. 13

⁵⁴ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 43.

⁵⁵ Idem.

explorou em um indivíduo, Clark Kent (identidade secreta do Super-Homem), a possibilidade do socorro da sociedade como um todo. Ele era o representante oficial da nação, sendo claro em seu uniforme que possui as “cores básicas da bandeira americana – azul e vermelho”⁵⁶. A idéia mais significativa, nesse papel desenvolvido pelo personagem, não está em o Super-Homem, ou qualquer herói, usar as cores dos EUA e representar o Estado, mas, sim, que

“a doutrina dos limites das tarefas do Estado funda-se sobre o primado da liberdade do indivíduo com respeito ao poder soberano e, em consequência, sobre a subordinação dos deveres do soberano aos direitos ou interesses do indivíduo”⁵⁷,

ou seja, o Estado tem participação mínima – apenas nas cores do uniforme – sendo o agente do grande feito, nesse caso, o Super-Homem, o representante máximo da liberdade que a sociedade ocidental capitalista defende.

Outros super-heróis que sucederam o Super-Homem e antecederam o Homem-Aranha, e lógico, todos os criados a partir desses, desenvolveram um contexto que estivesse atrelado à sociedade que o produz, não sendo, assim, extirpado dela, todavia, agregado e reproduzido pelo imaginário, através da possibilidade do surgimento de outras realidades, além da vida, por cada leitor. Referente ao cenário dos EUA, “‘cada super-herói representa a ideologia americana do seu tempo’, diz Waldomiro Vergueiro, coordenador do Núcleo de Pesquisa em História em Quadrinhos da USP”⁵⁸. Assim, observamos o Capitão América que, toma para si a luta contra o Nazismo, durante a Segunda Guerra Mundial. Ou o Batman que

“surgido pouco antes da Segunda Guerra, num período bastante duro da vida americana – a Grande Depressão, iniciada com o *crack* da Bolsa de Nova York [sic], ainda debilitava a economia dos Estados Unidos –, o personagem é fruto de tempos sombrios. Daí a origem do herói: Bruce Wayne, revoltado com o assassinato dos pais, torna-se um vingador impiedoso”⁵⁹.

Toda essa exposição demonstra, de maneira sucinta, o surgimento dos gibis como um meio de comunicação de massa e a importância dos heróis, em suas páginas, para sua proliferação mundial. Onde o super-herói é o exemplo supremo de que o sucesso da sociedade está nas mãos do indivíduo, sendo esse discurso consoante ao ideal neoliberal, onde em hipótese alguma se separa o indivíduo da sua liberdade. “Os tempos mudam – e os objetivos dos super-heróis também”⁶⁰, assim, as flexibilidades impostas na sociedade são transmitidas para as páginas das histórias em quadrinhos (Fig. 07). Contudo, o discurso refutado ou aceito, dentro dessa rede de representações que se encontram na sociedade, são as responsáveis pela configuração do contexto vinculado ao personagem que o gibi retrata, desse modo, os meios

⁵⁶ GUEDES, Roberto. **Quando surgem os super-heróis**. Vinhedo, SP: Opera Graphica, 2004. p. 16.

⁵⁷ BOBBIO, Noberto. **Liberalismo e Democracia**. São Paulo, SP: Brasiliense, 2005. p. 23.

⁵⁸ SARMAZ, Leandro. Um herói (quase) como a gente. **Super Interessante**, edição 177, p. 38, jun. 2002.

⁵⁹ Idem.

⁶⁰ Ibidem. p. 42.

de comunicação de massa não divergem da ideologia que domina o imaginário que fomenta a comunidade, na qual se localiza a massa alvo do arrazoado.

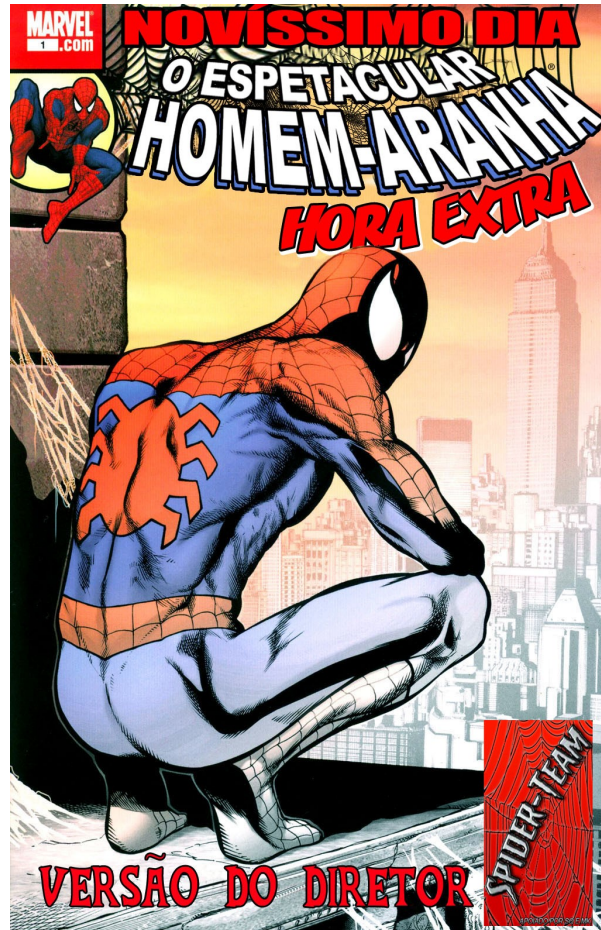


Figura 07: Como um “bom” trabalhador, o Homem-Aranha, também, faz umas horas extras, para ganhar um troco a mais.

“Quando *Spider Man* [Homem-Aranha] nasceu nos quadrinhos, surgiu em cena não um super-herói a mais, e sim a história de um jovem americano chamado Peter Parker”⁶¹.
Paulo Ghiraldelli

⁶¹ GHIRALDELLI, Paulo. **Spider Man**. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br>>. Acesso em 02 Set 2008.

7. HOMEM-ARANHA

O objetivo proposto nessa parte do trabalho é quantificar e expor de maneira clara e precisa o personagem em questão, o Homem-Aranha, e sua relação próxima com a doutrina política e econômica em discussão, o Neoliberalismo. Serão desenvolvidas, também, apreciações que remontem a história do super-herói amplamente discutido, sem deixar de salientar sobre o seu criador, Stan Lee (Stanley Martin Lieber, Fig. 08). Todo esse desenrolar de atividades serão marcadas, como já exposto, pelo estímulo em posicionarmos em uma mesma via de raciocínio dois pensamentos, para alguns, tão antagônicos, o Homem-Aranha e o Neoliberalismo.



Figura 08: Stan Lee.

Em 1962, para ser mais exato, no mês de agosto, surgia estampado nas páginas dos gibis, um dos maiores super-heróis da atualidade, o Homem-Aranha (Fig. 09). Seu idealizador foi Stanley Martin Lieber, ou apenas, Stan Lee. Conta-se que ele assumiu tal nome, pois, quando adolescente sonhava em ser um escritor famoso, e desse modo, quando utiliza-se seu nome verdadeiro, não iriam associá-lo as histórias em quadrinhos. Stan Lee contou com a ajuda de Steve Ditko, nas ilustrações, para dá vida ao personagem que revolucionária o cenário dos *comics*. O Homem-Aranha surge num momento em que os super-heróis estão retornando para o “mundo dos gibis” e introduz algo jamais explorado nessa literatura

referente aos super-heróis, os sentimentos humanos, assim, esses personagens passam a ser mais humanizados.



Figura 09: O surgimento do Homem-Aranha.

São nos anos de 1960 que o capitalismo e seu *welfare state* iniciam um período de grande crise, que eclode nos anos de 1970, em todo mundo. Surge como solução para aquele sistema os ideais neoliberais, que não passam de princípios liberais radicalizados, em relação, ao controle do Estado. Também, notamos diferenças na nova versão do capitalismo proposta pelos neoliberais, pois, em sua doutrina o Estado será mínimo, o mercado livre tem plena liberdade para instituir as flexibilidades necessárias no combate as dificuldades vindouras, ou seja, similar a “nova fórmula” utilizada pelos super-heróis dos gibis, o Neoliberalismo encontra dentro de si próprio, sem influências externas, os aparatos pertinentes para as suas manutenções durante as oscilações ocasionais. O herói agora era muito mais focado em si próprio, diferente dos envolvimento do Super-Homem, Capitão América e outros na II Grande Guerra, o Homem-Aranha não se envolvia em tais questões de estado, entretanto, vivia com o indivíduo, pois, suas aventuras eram na “vizinhança”, ou seja, em Nova Iorque. Estava em sintonia com os neoliberais, que, também, não queriam muito envolvimento com os problemas do Estado, e sim, desenvolver uma atividade política e econômica que aumentasse drasticamente as píbias taxas de lucratividades da indústria mundial.

Todo esse relato não é uma leitura simples e maniqueista, pelo contrário representa a essência cultural na qual Stan Lee estava submerso, pois,

“a cultura é ainda uma forma de expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica, ou seja, admite-se que os sentidos conferidos às palavras, às coisas, às ações e aos atores sociais se apresentam de forma cifrada, portanto já um significado e uma apreciação valorativa”⁶².

A perspectiva explorada nos *comics* não se desvencilhava da realidade, ele, Stan Lee, criou, sim, uma realidade que permitiu com que o leitor se identificasse intrinsecamente com o super-herói. A sociedade capitalista passava por transformações e o mesmo fenômeno era diagnosticado nas páginas dos gibis. A questão da liberdade era tão cara para os super-heróis como era no mundo real. E Stan Lee, também, tinha essa mesma perspectiva e a comprava para si, como seus contemporâneos. O seguinte trecho, da maior abrangência ao discurso, pois, são palavras do próprio escritor, em outubro de 1968:

“Este mês não irei falar sobre quadrinhos. Durante todos esses anos, temos recebido zilhões de cartas pedindo para a redação opinar sobre os mais diversos assuntos, como Vietnã, direitos civis, guerra, pobreza e até sobre a última eleição. Estamos lisonjeados que nossa opinião seja tão importante para vocês, mas o fato é que não há opinião unânime sobre qualquer assunto, aqui na redação. Exceto, talvez, amor de mãe e torta de maçã! Aqui há democratas e republicanos; mas procuramos evitar editoriais que abordem temas polêmicos, afinal, somos como qualquer outro americano, cada um com suas próprias convicções. Mas uma coisa gostaríamos de deixar claro... cremos que o homem tem um destino divino e uma grande responsabilidade... a de tratar com tolerância e respeito todo aquele que vive neste lindo planeta... julgando o próximo pelos seus méritos, e não por sua raça, credo ou

⁶² PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 15.

cor. Nisto, todos nós acreditamos, e não descansaremos até que este sonho, um dia, vire realidade”⁶³.

Feita uma leitura minuciosa do fragmento acima, podemos absorver os 03 (três) ideais liberais defendidos pela Revolução Francesa, “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”. Pois, o homem que possui o direito de opinar conquista a liberdade (“cada um com suas próprias convicções”), através da justiça somos imputados a igualdade (“julgando o próximo pelos seus méritos”) e ao final de ambas, somadas, teremos como resultado a fraternidade (“este sonho, um dia, vire realidade”). Tal fato é claro pela presença do ideal vigente no imaginário daquele que o absorve e o reproduz.

Peter Parker, identidade secreta do Homem-Aranha, era um jovem adolescente que em uma excursão do colégio a um laboratório científico foi picado por uma aranha exposta a radioatividade, ou como apresentado no cinema e já atualizado nos gibis, por uma aranha geneticamente modificada, obteve uma mudança radical em sua vida após o acidente. A partir desse momento, ele recebe seus super-poderes que o torna capaz de realizar feitos que nenhum mortal possa fazer. Tal quadro marca bem parte da visão neoliberal, pois, em uma atividade escolar onde havia inúmeras pessoas, todos estavam em situação de igualdade, destarte, qualquer um poderia ser picado por aquela aranha, entretanto, apenas um indivíduo foi acometido de ser “abençoado”. Notamos que

“o liberalismo é o nome que se dá à ideologia dessa nova realidade econômica e social, ou seja, é o novo modo próprio de pensar, que surge com novas circunstâncias históricas e pelo qual se dão explicações nunca antes dadas para induzir a aceitação por todos do novo real que se constrói [...] e tudo amparado por um conceito-chave, que é o conceito de *indivíduo*. Todas as explicações e todas as justificativas que se dão e que constituem o conteúdo do discurso e da ideologia liberal buscam inspiração [...] na idéia de que o mundo humano está aí para ser construído, que cada homem é um indivíduo dotado de razão e vontades livres e portanto tem competência para ser senhor de sua própria história, dispensando que outros lhe apontem caminhos. Sendo, como diz Descartes, ‘o bom senso a coisa mais bem partilhada do mundo’, esse indivíduo, senhor de sua própria história, vai obnubilar o brilho da glória dos antigos senhores e dos príncipes”⁶⁴.

Remonta-se na estrutura na história do jovem Peter Parker a importância do indivíduo somada à ausência de vínculos tradicionais, pois, o sistema capitalista, juntamente com o liberalismo, proporciona a qualquer um a possibilidade de ascensão social e econômica.

Após receber seus poderes, Peter Parker confecciona uma vestimenta que o faz esconder sua real identidade, assim, protegendo a todos que ama de ameaças dos seus super-vilões. Do mesmo modo que todo o imaginário envolto ao Homem-Aranha, as cores de seu uniforme o remetem as mesmas que ilustram a bandeira norte-americana, e como nos dogmas neoliberais existem suas semelhanças. O disfarce o protege como qualquer roupa que usamos,

⁶³ GUEDES, Roberto. **Quando surgem os super-heróis**. Vinhedo, SP: Opera Graphica, 2004. p. 88.

⁶⁴ ULHÔA, Joel Pimentel de. **(neo)Liberalismo?: uma introdução**. Uberaba, MG: Cone Sul, 1999. p. 63.

assim, observamos o Estado, representado aqui nas colorações azuis e vermelhas, que “é necessário para preservar nossa liberdade, é um instrumento por meio do qual podemos exercer nossa liberdade”⁶⁵, mas, apenas essa será a função Estado, já que ele “deve ser limitado”⁶⁶, como a roupa, também, é. Visto que o indivíduo se sobressai e se torna superior aquele, pois, o Estado “não poderá jamais imitar a variedade e a diversidade da ação humana”⁶⁷. Outro ponto importante é que com sua identidade secreta, o Homem-Aranha, pode ser qualquer cidadão, ou seja, todos os indivíduos são representados e se elabora, ainda, a perspectiva de ascensão social somente dependerá do esforço individual, pois, o herói é o exemplo a ser seguido.

Outra questão é que o poder do indivíduo não se sobrepõe ao do outro, pois, para o Neoliberalismo “todos os monopólios são extremamente nocivos”⁶⁸ e do mesmo modo nas histórias em quadrinhos do Homem-Aranha esse fato é registrado, não apenas, através dos super-vilões que querem dominar o mundo, mas, no próprio herói. No avançar de suas aventuras o Homem-Aranha se funde com um simbiote alienígena (Fig. 10), que aparentemente é apenas uma nova roupa, na cor preta, que lhe fortalece, ainda, mais. A partir desse primeiro contato, o simbiote começa a querer dominar Peter Parker, da mesma maneira que o monopólio exercer sobre o livre mercado, com suas imposições. Em ambos os casos, o monopólio da grande incorporação sobre as demais em um ramo de produção e do simbiote sobre o personagem dos quadrinhos, remete-nos à ausência da liberdade que tanto se defende no ideal neoliberal. Tal ação, em ambos os relatos, não são aceitáveis, pois, tanto o Neoliberalismo como o Homem-Aranha guardam uma “posição em favor da liberdade [...] que devemos reservar espaço para os progressos espontâneos e imprevisíveis”⁶⁹. O sistema discutido nesse trabalho, o Neoliberalismo, posiciona-se, conforme os princípios do nosso herói, em prol de todos os indivíduos e sem criar distinção entre os grupos por menor que sejam, pois, quem tem “mais razões para preservar e fortalecer o capitalismo competitivo são os minoritários – que podem facilmente tornar o objeto de desconfiança e hostilidade da maioria”⁷⁰. O Homem-Aranha em sua história não pode ser passivo aos monopólios, mostrando-se em sintonia com o ideal neoliberal, como se observa no trecho seguinte:

“naquele dia crucial, caminhou para dentro daquela mostra de Ciências [...] Peter entrou a passos lentos e inseguros, sem querer incomodar ninguém. Foi assim que ele acabou restrito ao fundo da sala, de onde mal conseguia enxergar a

⁶⁵ FRIEDMAN, Milton. **Capitalismo e liberdade**. São Paulo, SP: Nova Cultural, 1985. p. 12.

⁶⁶ Idem.

⁶⁷ Ibidem. p. 13

⁶⁸ FIGUEIRA, Pedro de Alcântara. **Economistas Políticos**. São Paulo: Musa Editora; Curitiba: Segesta Editora, 2001. p. 67.

⁶⁹ HAYEK, Friedrich Auguste Von. **O Caminho da servidão**. Rio de Janeiro, SP: Instituto Liberal, 1984. p. 70.

⁷⁰ FRIEDMAN, Milton. **Capitalismo e liberdade**. São Paulo, SP: Nova Cultural, 1985. p. 28.

demonstração. Quando uma aranha se enfiou no equipamento e recebeu a radiação, Peter foi aquele que a aranha mordeu em seus espasmos finais, com a radiação transformando a potencialmente perigosa picada em algo maravilhoso”⁷¹.

Mais uma vez, o pensamento exposto se concilia com a doutrina neoliberal, já que se transcreve a imagem de um excluído beneficiado pelo o sistema vigente, que trata a todos como iguais.



Figura 10: O indivíduo não pode ser privado de sua liberdade.

Vários exemplos foram desenvolvidos no intuito de enxergarmos os vínculos palpáveis entre os objetos em estudo. As elaborações de teorias fantasiosas ou conspiratórias não foram aqui construídas. O objetivo proposto foi vislumbrar e ampliar a perspectiva ao redor do Homem-Aranha, de maneira que fosse notório o envolvimento dele com o Neoliberalismo. Mas, tais semelhanças de diálogos foram possíveis de se visualizar graças ao pertencimento de ambos ao mesmo imaginário. A passividade ou não da utilização dos meios de comunicação de massa, nesse caso o gibi, como propagador de uma ideologia é um fator questionável, contudo, não cabe a esse trabalho tal desdobramento de esforços. Todavia, fica claro que a histórias em quadrinhos não são meros objetos de entretenimento, a “realidade” construída nas páginas dos *comics* é harmoniosa com a nossa realidade. Pois, não podemos criar sincronia entre imaginários dispares sem criar conflitos, assim, o entrelaçamento da ficção com o real se torna possível e natural.

⁷¹ DECANDIDO, Keith R. A. **Homem-Aranha: Ruas de fogo**. São Paulo, SP: Panini, 2005. p. 17-18.

“Ora, se as sensibilidades, como foram definidas, são a tradução sensível das emoções, sensações e experiências dos indivíduos, cabe ao historiador, para poder apreender tais percepções de mundo, buscar as evidências. Ou seja, as fontes que traduzam tais sensibilidades, o que exige uma leitura excepcionalmente fina”⁷².

⁷² PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 118-119.

8. CONCLUSÃO

As atividades produzidas durante esse trabalho movimentaram esforços que se desdobraram em traduzir os ideais neoliberais no personagem dos *comics*, o Homem-Aranha.

O fator mais importante, alavancado nessas páginas, foi demonstrar que, além do entretenimento, os gibis preservam as características referentes aos meios de comunicações de massa em seu discurso. E como tais, aqueles tendem a difundir um questionamento ideológico. Assim, fica mais claro o possível relacionamento entre o meio e o produto, ou seja, o Neoliberalismo e o Homem-Aranha.

Todavia, os desenvolvimentos aqui desprendidos não focaram em construir um sistema doutrinador e autoritário, pelo contrário, o raciocínio proposto nessas páginas teve como meta formular uma continuidade do pensamento neoliberal nas histórias em quadrinhos. Claro que não é entendido a existência desse relacionamento como algo simples. Fatores secundários são primordiais para o levantamento dos fundamentos dessa união.

É muito caro ao conjunto, Neoliberalismo e Homem-Aranha, o meio de comunicação de massa, pois, tanto faz se é utilizado o cinema, a televisão ou o gibi, o ponto substancial é a apropriação do produto, para nós, o Homem-Aranha, pelos ideais neoliberais. O passo a passo proposto aqui vem da posição de que há uma ideologia, o Neoliberalismo no nosso caso, que se utiliza da propaganda e a exerce em um meio de comunicação de massa para sua difusão. Fato acentuado, com a inclusão do herói, guardando fatores que enaltecem a tradição, a moral e a ética de uma sociedade, por fim, trazendo a valorização dos princípios propagados. Através do entretenimento, a absorção dos ideais divulgados são acolhidos por milhões de pessoas.

O nosso fundamento teórico tentou criar uma transcendência “da informação visual em imagem mental, da informação escrita em imagem visual, ou para fazer a passagem do discurso contido nas fontes de cultura material para o discurso verbal, e vice-versa”⁷³. Essa vontade foi abalroada por inúmeras imagens e textos que encaminharam a formulação de uma perspectiva, embasada por fontes e conceitos teóricos, proporcionando a concretização daquela. Tal proposição se cerca na visão de criar um método de transmissão do sistema vigente por um símbolo que sublinha um tempo. “A força da representação se dá pela sua capacidade de mobilização e de produzir reconhecimento e legitimidade social. As representações se inserem em regimes de verossimilhança e de credibilidade, e não de

⁷³ BARROS, José D’Assunção. *O campo da história: especialidades e abordagens*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. p. 102.

veracidade”⁷⁴. Desse modo, um personagem construído em uma sociedade a reproduz e satisfaz os seus consumidores e ratifica os ideais por aquele desenvolvido.

Esse trabalho, com certeza, não preencheu todas as lacunas levantadas pela argumentação inicial, contudo, proporcionou uma discussão que se desenrolou em pontuações distintas que foram integradas, na intenção de montar um contato e um mútuo pertencimento de ambos os conceitos, leia-se o Neoliberalismo e o Homem-Aranha. A “semente” é lançada para que outros trabalhos retomem essa inquietação e enverede por novos horizontes de perspectivas, assim, continuando a atividade intelectual que promove um olhar mais profundo, indo além do simples relance sobre as imagens, e sim observando as representações e as características do todo, presentes no objeto em estudo.

⁷⁴ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 41.

REFERÊNCIAS

- BARROS, José D'Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- BOBBIO, Norberto. **Liberalismo e Democracia**. São Paulo, SP: Brasiliense, 2005.
- CALDAS, Waldenyr. **Cultura de massas**. São Paulo, SP: Global, 1986.
- DECANDIDO, Keith R. A. **Homem-Aranha: Ruas de fogo**. São Paulo, SP: Panini, 2005.
- DORFMAN, Ariel; JOFRÉ, Manuel. **Super-homem e seus amigos do peito**. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1978.
- _____; MATTELART, Armand. **Para ler o Pato Donald: comunicação de massa e colonialismo**. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1980.
- FIGUEIRA, Pedro de Alcântara. **Economistas Políticos**. São Paulo: Musa Editora; Curitiba: Segesta Editora, 2001.
- FRIEDMAN, Milton. **Capitalismo e liberdade**. São Paulo, SP: Nova Cultural, 1985.
- GARCIA, Néelson Jahr. **O que é propaganda ideológica?** São Paulo, SP: Abril Cultural: Brasiliense, 1985.
- GLABER, Neal. **Vida, o filme**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1999.
- GUEDES, Roberto. **Quando surgem os super-heróis**. Vinhedo, SP: Opera Graphica, 2004.
- HAYEK, Friedrich Auguste. **O Caminho da servidão**. Rio de Janeiro, SP: Instituto Liberal, 1984.
- HOBBSBAWN, Eric J. **História social do jazz**. Tradução portuguesa, 2ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- HUGHES-HALLETT, Lucy. **Heróis**. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2007.
- McCLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo, SP: M. Books, 2005.
- MORRIS, Matt; MORRIS, Tom. **Super-heróis e a filosofia**. São Paulo, SP: Madras, 2005.
- PESAVENTO, Sandra Jatthy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- PATATI, Carlos; BRAGA, Flávio. **Almanaque dos quadrinhos: 100 anos de uma mídia popular**. Rio de Janeiro, RJ: Ediouro, 2006.
- SARMATZ, Leandro. Um herói (quase) como a gente. **Super Interessante**, edição 177, jun. 2002.
- ULHÔA, Joel Pimentel de. **(neo)Liberalismo?: uma introdução**. Uberaba, MG: Cone Sul, 1999.

- Comunicação de Massa.** Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org>>. Acesso em 20 ago. 2008.
- Capa da revista “O Espetacular Homem-Aranha”,** Marvel Comics, número 01. Disponível em: <<http://img185.imageshack.us>>. Acesso em 08 nov. 2008.
- FILHO, João dos Santos. **O parque temático dos horrores: a lógica neoliberal do império na busca de maior acumulação de capital.** Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br>>. Acesso em 10 Nov. 2008.
- Fotografia de Friedrich August von Hayek.** Disponível em: <<http://www.thueringen.de>>. Acesso em 08 nov. 2008.
- Fotografia Milton Friedman.** Disponível em: <<http://www.utc.edu>>. Acesso em 08 nov. 2008.
- Fotografia de Stan Lee.** Disponível em: <<http://upload.wikimedia.org>>. Acesso em 08 nov. 2008.
- GHIRALDELLI, Paulo. **Spider Man.** Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br>>. Acesso em 02 Set 2008.
- Homem-aranha e a bandeira norte-americana.** Disponível em: <<http://www.meionorte.com>>. Acesso em 08 nov. 2008.
- Homem-Aranha e o simbiote.** Disponível em: <<http://www.cinemaevideo.com.br>>. Acesso em 08 nov. 2008.
- Homem-Aranha voando em sua teia.** Disponível em: <<http://images.quebarato.com.br>>. Acesso em 08 nov. 2008.
- Homem-Aranha e o perigo iminente.** Disponível em: <<http://farm3.static.flickr.com>>. Acesso em 08 nov. 2008.
- Homem-Aranha e a Mary Jane.** Disponível em: <<http://sites.uai.com.br>>. Acesso em 08 nov. 2008.
- Neoliberalismo.** Disponível em: <<http://www.suapesquisa.com>>. Acesso em 15 set. 2008.
- Página 03 do gibi do Homem-Aranha.** Disponível em: <<http://www.omelete.com.br>>. Acesso em 08 nov. 2008.
- Publicidade e Propaganda.** Disponível em: <<http://www.sinprorp.org.br>>. Acesso em 08 ago. 2008.
- Rocky – Uma Série de Sucesso.** Curiosidades – Rocky IV. Disponível em: <<http://www.cinematicomrapadura.com.br>>. Acesso em 08 ago. 2008.